



'Foca na Pauta'

Líderes indígenas culpam preconceito por aumento de suicídios

Números são superiores aos de assassinatos e atingem mais faixa etária até 29 anos.

Há 2 dias — Em Educação

Líderes indígenas culpam preconceito por aumento do número de suicídios

Números são superiores aos de assassinatos e atingem mais faixa etária até 29 anos.

Por Daniel Gois e Gabriel Bruno*

23/11/2019 07h25 - Atualizado há 2 dias



Sérgio Martins da Silva: sem futuro, a juventude não tem nada a perder — Foto: Sérgio Martins/Arquivo Pessoal

“Qual é o significado de você estar vivo e não poder viver do jeito que quer?” O questionamento do cacique Sérgio Martins da Silva, da Aldeia Aguapeu, em Mongaguá, no litoral de São Paulo, é um alerta para a falta de perspectiva que contribui para casos de suicídio entre os jovens indígenas.

Segundo os dados mais recentes do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), foram 128 casos de suicídios entre indígenas no ano de 2017, número superior aos 118 assassinatos. A média é de um suicídio a cada três dias, com maior predominância entre os jovens de 14 a 29 anos.

CONTINUA DEPOIS DA PUBLICIDADE



Para Sérgio, “sem futuro, a juventude não tem nada a perder. Vivendo ou morrendo, para eles não há diferença”. A discriminação é um ponto que contribui para o suicídio indígena. “Se a gente procurar, mesmo capacitados, com formação em alguma coisa, sempre seremos os últimos dos últimos a serem escolhidos. Por isso que a integração nunca vai dar certo”, afirma.

As gêmeas Stephanie Kawuane e Hidaty Tuani Lemos Amorim, de 18 anos, que moram na Aldeia Taniguá, em Peruíbe, sofreram com preconceito quando estudavam no ensino médio, em Itanhaém. “Um professor nosso disse que índio não é um ser humano igual aos outros, que eles não tinham que ter RG, que são animais, e precisam ficar na floresta e não sair”, relata Stephanie, que atualmente cursa Ciências Biológicas.



Hidaty Tuani e Stephanie Kawuane, da Aldeia Taniguá, em Peruíbe, sofreram preconceito na escola — Foto: Daniel Gois

Estudante de Filosofia, Hidaty aponta que o preconceito sofrido leva os jovens indígenas a terem medo de procurar ajuda fora das aldeias. “Muitos indígenas veem as terras sendo tomadas e a família morrendo. Eles acham que a vida não tem mais jeito”, afirma Hidaty.

Formado em Pedagogia pela USP, o cacique Ubiratã Jorge de Souza Gomes, da Aldeia Bananal, em Peruíbe, vê a educação e a divulgação da cultura indígena como formas de combater o preconceito. “Ninguém

respeita aquilo que não conhece. A partir do momento que você mostra para o jovem indígena o orgulho que temos de ser uma população diferente, em alguns aspectos, mas iguais enquanto seres humanos, acredito que ele conseguirá ter a maturidade necessária para tirar de letra o preconceito”.

Ubiratã ressalta que os conflitos religiosos e o assassinato de líderes indígenas contribuem para a diminuição da perspectiva de vida entre os jovens. “A partir do momento que entra outra religião dentro da perspectiva de um jovem que já é da religião indígena, e outro que não é, já causa conflito”, afirma. Para ele, o jovem vê a comunidade “se esvaindo” com a morte dos líderes mais velhos. “Ele fica num fogo cruzado, vulnerável, pensando o que vai ser da vida nessas condições”.



Para o cacique Ubiratã Gomes, de Peruibe, educação é a saída contra o preconceito — Foto: Daniel Gois

Drogas e álcool também são problemas enfrentados pelos povos indígenas. Sérgio Martins aponta a influência externa como causa. “A situação influencia bastante nas aldeias. Não tem nada para fazer, não tem outra ocupação, o espaço é pequeno, tudo amontoado. Tudo isso faz com que o povo indígena, infelizmente, tenha essa realidade”, lamenta o cacique.

Demarcação

O cacique Gilson Samuel dos Santos, da Aldeia Paranapuã, em São Vicente, aponta outro fator que contribui para a crise enfrentada pelos jovens. Ele conta que a aldeia luta desde 2004 pela demarcação. “Estamos lutando pelos pequenininhos. Os filhos e netos são os que vão ver a demarcação de terra. Os índios mais velhos já adiantam que não vamos viver tranquilamente numa aldeia”, diz. “Estamos lutando contra o sistema que foi imposto a partir do momento que os portugueses chegaram no Brasil”.

O próprio cacique Sérgio Martins enfrentou esse problema. Antes de se fixar em Mongaguá, morou em Paranapuã. Localizada no Parque Estadual Xixová-Japuí, a área não possui demarcação, o que limita o uso da terra. O cenário é diferente do encontrado em Aguapeu. “Lá, a gente consegue viver de acordo com nossa cultura”, afirma. “Quando a área é demarcada, o Governo constrói escola, casa. Muitas terras sem demarcação não têm estrutura nenhuma, porque o Governo não dá assistência adequada”.

Gilson também alerta para o contato dos jovens indígenas com a internet. Ele pede aos pais que acompanhem o envolvimento dos filhos com o mundo virtual. “A maioria tem Facebook, WhatsApp. Eles vão muito pela curiosidade de ver se realmente o que o mundo virtual mostra é normal para eles, sem o conhecimento do que a internet traz de bom e de ruim, de separar uma coisa da outra”, aponta Gilson.

**sob a supervisão de Alexandre Lopes*



Gilson Samuel luta pela demarcação na Aldeia Paranapuã, em São Vicente — Foto: Daniel Gois